



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 6 de junho de 2020



sem título | 2019 | Avelina Crespo (cortesia da artista)

CONTRA O COMPLEXO DE BABAR. PÓS-MEMÓRIA, PERIFERIA E LITERATURA

Fernanda Vilar



CONTRA O COMPLEXO DE BABAR.
PÓS-MEMÓRIA, PERIFERIA
E LITERATURA

A discrição foi o que levou parte de uma geração a resistir dentro da França pós-colonial, como ilustra o romance *La discrétion* de Faiza Guène, com lançamento previsto para agosto de 2020. Nesta obra, Yamina, a personagem principal, é um arquétipo das mulheres que migraram para França e souberam transmitir aos filhos, pelo silêncio, uma memória de vivências na colônia e os percalços da imigração. Os livros de Faiza Guène, escritora francesa de ascendência argelina, ampliam as perspectivas sociais que não foram ainda numérica e simbolicamente representadas, a saber dos imigrantes das antigas colônias francesas. Numa entrevista concedida ao MEMOIRS no mês de março de 2019 em Paris, Guène afirmava: “Escrever ficção permite escrever coisas que não ousaríamos dizer num testemunho. É a possibilidade de entrar na intimidade sem embarçar as pessoas. Meu pai guardou em silêncio tantas histórias vividas porque ele é de uma geração que tinha muito pudor e não tinha a consciência de que era importante que conhecêssemos sua história” (1).

Faiza Guène nasceu em Bobigny, periferia de Paris, em 1985. Filha de pais argelinos que migraram para França em épocas distintas, o pai em 1952, ainda durante a colonização, e a mãe em 1981, vinte anos após a independência. Guène entra na literatura pelo que chama de um “acidente feliz”, pois foi graças a uma oficina de escrita ainda na adolescência que escreveu seu primeiro livro, *Kiffe Kiffe Demain* (2004), traduzido para 26 línguas. A autora desenvolve uma obra de ficção que se alimenta de vivências alterizadas dentro da sociedade francesa e expõe os conflitos das segundas e terceiras gerações de pessoas provenientes da imigração magrebina. Seus romances permitem inscrever a pós-memória num espaço específico, que é a periferia das grandes cidades, ao mesmo tempo que questiona os estereótipos que estão relacionados com a espacialidade e a origem colonial.

2

Em *Kiffe Kiffe Demain*, a narradora de 15 anos, Doria, conta o choque de uma família de argelinos que chegou à França na década de 1980:

Minha mãe imaginou que a França era como nos filmes em preto e branco dos anos sessenta. Aqueles com o ator bonitão que sempre conta um monte de coisas mentirosas para sua garota, com um cigarro no canto da boca. (...). Então, quando ela chegou com meu pai em Livry-Gargan, em fevereiro de 1984, ela acreditava que eles haviam pegado o barco errado e que tinham se enganado de país. Ela me disse que a primeira coisa que fez quando entrou nesse pequeno F2 foi vomitar. Gostaria de saber se foram os efeitos do enjoo ou um presságio de seu futuro neste país (2). (Guène: 2004:13)



Diferentemente da primeira geração, que tinha o “sonho francês” de uma vida melhor e a ilusão de retornar a Argélia, Guène tem consciência que a relação dos pais com o país de origem é baseada numa certa negação, numa ilusão que eles alimentaram de um país que não existe mais. Ela acrescenta “para nós era também um país que não existia. Para mim a Argélia se divide entre um país real e um imaginário, e a Argélia é parte de mim tanto quanto a França. Hoje eu me defino como franco-argelina, pois aprendi muito cedo que, apesar de eu me considerar francesa, a sociedade formada pela “escola da república” sempre me viu como menos francesa que os outros e nunca se interessou pela nossa história”.

O desinteresse da França em incluir nos manuais escolares e no discurso público a história francesa que ocorreu fora das fronteiras do hexágono produziu uma grande frustração na geração de Faïza Guène: “Entrar num apartamento de um migrante argelino é entrar em um território estrangeiro : a língua é diferente. Nós falávamos em árabe em casa, os objetos, a comida, nosso corpo é diferente; o que eu aprendi desde cedo é que não tínhamos as mesmas oportunidades que os outros e que as pessoas não me conheciam”, afirma ainda na entrevista citada.

Quando Faïza Guène assinala que há uma alteridade que é ignorada desde a escola, ela constata que esse território é ainda marcado por uma história colonial que não foi tratada pela França, e acrescenta: “A França não sabe gerir seu passado colonial. Há enormes traços visíveis na sociedade e que são subestimados: falo do desprezo, da condescendência com a qual somos muitas vezes tratados. Nós interiorizamos um sentimento de sermos dominados, da mesma maneira que alguns interiorizaram o sentimento de dominar, e isso determina as relações na sociedade francesa. Interessei-me pela questão colonial exatamente porque não tinha resposta às minhas perguntas”.

Os livros de Faïza Guène tratam de uma mesma questão de diferentes maneiras: o que fazemos com uma herança? “Meus personagens são arquétipos de um posicionamento, porque sempre nos construímos de acordo com nossa história : seja em oposição, seja reproduzindo-a. Trata-se sempre de uma escolha”, afirma a escritora. O percurso da escolha de uma herança é o cerne do romance *Un homme, ça ne ne pleure pas* (2014) onde Faïza Guène questiona o destino de três personagens de uma mesma família de pais argelinos que emigraram para a França: Mourad, o narrador, está preso entre uma pesada herança familiar e uma cultura diferente daquela de suas origens e da qual ele gosta particularmente. Dounia, a irmã mais velha, quer fazer carreira política na França “preenchendo a cota



de diversidade”. A irmã mais nova, Mina, segue o caminho traçado por seus pais, de se casar com um muçulmano e construir uma família em França.

Através deste afresco familiar, Faïza Guène questiona como podemos escolher nossa herança, bem como os problemas relacionados com cada opção de vida. É particularmente interessante examinar a escolha de Dounia, na medida em que ela carrega apenas a herança de seu biótipo e de seu nome, afastando-se da família e rejeitando as heranças culturais: “Dounia agrada porque simboliza o que a República produz de melhor: um sucesso acidental” (2014: 95) (3). Apesar de todo seu esforço em apagar sua herança familiar e adotar todos os códigos da república francesa, o irmão de Dounia conclui que os migrantes são vítimas da “síndrome de Babar”: “Babar pode andar com duas pernas, vestir ternos de três peças, gravata borboleta e rolar em um conversível, ele sempre será um elefante!” (4).

A alteridade não respeitada leva a problemas contemporâneos, como a relação da França com suas periferias – ilustrada de maneira negativa pelo conceito de “comunitarismo”. Para a autora, “estar em comunidade é algo positivo. Se eu posso estar entre pessoas que se parecem comigo, juntos podemos pensar em problemas que nos dizem respeito. Assim, eu sinto-me menos só em um sistema que não me reconhece. Não é anódino que no nosso bairro os nossos modelos de arte tenham vindo dos Estados Unidos, com seus problemas de racismo e minorias. Quando eu escrevi meu primeiro livro, vi que pela primeira vez uma parte de meu público poderia ter um modelo, podia se identificar com essa história que eu contava. Foi então que percebi porquê eu escrevia. Escrever é poder deixar um traço de sua história e contar uma experiência. Meu desejo é de transmitir essa história sem desnaturalizá-la”.

Hoje, Faïza Guène diz sentir-se orgulhosa de ser uma herdeira da resistência: “Escrevo para ser honesta com a história e tenho a preocupação de transmitir. Se há problemas na sociedade francesa hoje, temos que analisar o passado. [...] Nossa geração deve pensar em uma identidade nova, saindo de uma relação de poder vertical, para que assim as novas gerações não tenham que se confrontar com os mesmos velhos problemas. [...] E os romances que escrevo estão para mostrar mais histórias e poder criar novas maneiras de identificação e pertencimento”.

A literatura de Guène está intimamente ligada à sua história pessoal. Ela busca fragmentos de histórias e arquivos particulares de cidadãos ligados ao passado colonial francês para moldar sua própria história e deixar uma herança para aqueles que até hoje não tiveram modelos para ancorar sua identidade na Europa contemporânea.



CONTRA O COMPLEXO DE BABAR.
PÓS-MEMÓRIA, PERIFERIA
E LITERATURA

Guène, Faïza. *Kiffe Kiffe Demain*. Paris: Hachette, 2004.
---. *Un homme, ça ne ne pleure pas*. Paris: Fayard, 2014.

(1) Todas as citações presentes nesse texto, quando não expresso contrário, são parte da entrevista realizada com Faïza Guène no dia 28 de março de 2019 em Paris, no âmbito do trabalho de campo do projeto MEMOIRS – Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias. Foram realizadas, até à data, 169 entrevistas para recolher dados sobre as memórias herdadas pelos filhos e netos da geração que viveu os processos de descolonização de territórios dominados por Portugal, França e Bélgica no continente africano.

(2) «Ma mère s’imaginait que la France, c’était comme dans les films en noir et blanc des années soixante. Ceux avec l’acteur beau gosse qui raconte toujours un tas de trucs mythos à sa meuf, une cigarette au coin du bec. (...). Alors quand elle est arrivée avec mon père à Livry-Gargan en février 1984, elle a cru qu’ils avaient pris le mauvais bateau et qu’ils s’étaient trompés de pays. Elle m’a dit que la première chose qu’elle avait faite en arrivant dans ce minuscule F2, c’était de vomir. Je me demande si c’étaient les effets du mal de mer ou un présage de son avenir dans ce bled». (Guène, 2004:13). Todas as traduções dos excertos das obras de Guène são da minha autoria.

(3) “Dounia plait parce qu’elle symbolise ce que la République fabrique de mieux : une réussite accidentelle” (2014: 95).

(4) “Babar aura beau marcher sur deux pattes, porter des costumes trois-pièces, un nœud papillon, et rouler dans une voiture décapotable, ce sera toujours un éléphant !” (2014: 96).

Fernanda Vilar é investigadora do projeto MEMOIRS - Filhos de Império e Pós-memórias Europeias (ERC n. 648624) no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

MEMOIRS é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

